



JORNADA UNIVERSITÁRIA EM DEFESA DA REFORMA AGRÁRIA NA UFES

O mês de abril é marcado pela luta e resistência dos povos camponeses e indígenas. O dia 17 de abril ficou marcado internacionalmente como dia de Luta Camponesa, em homenagem a todos que tomaram na luta pela terra e democracia no Brasil, como os 19 companheiros assassinados no Massacre de Eldorado de Carajás, no Pará, em 1996. Os conflitos por terra no Brasil não são novidade, remontado às Capitâneas Hereditárias com o massacre de povos originários desde o início da colonização.

Apesar de ser um país continental, com imensa quantidade de terras agricultáveis, ainda existe um enorme contingente de trabalhadores rurais e povos tradicionais que estão alijados de um pedaço de terra para produzir. Esta é a principal característica da Questão Agrária brasileira, que se fundamenta na enorme concentração de terras e riqueza nas mãos de poucas famílias, deixando milhares de outras famílias à míngua, vivendo na condição da extrema pobreza no campo, ou migrando para se somar ao contingente substancial da superpopulação supérflua nas periferias urbanas. A necessidade de uma Reforma Agrária ampla e massiva continua em pauta na atualidade da questão, e a universidade não pode continuar fechando os olhos para esta situação.

Cerca de 50 universidades nas quais o MST tem parcerias estão realizando ações, feiras, palestras, seminários em torno da Jornada Universitária em Defesa da Reforma Agrária. O objetivo é por em destaque o debate acerca da luta e violência no campo, que persiste até os dias atuais, com muitas mortes e criminalização dos movimentos sociais por parte do agronegócio, que representa hoje a aliança entre o latifúndio e o sistema financeiro internacional, sob a conivência do Estado. As atividades se propõem a romper os muros das universidades dando vazão às denúncias e mobilizações da jornada de lutas do MST, realizadas em todo o país no mês de abril.

A Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF) tem mais de 3mil militantes que estudam em cursos de graduação, especialização e mestrado nas universidades. Mais de 5mil camponeses já se formaram e em torno de mil professores trabalham em cursos, projetos de pesquisa e extensão próximos ao Movimento. A jornada também pretende dar visibilidade à Questão Agrária, às ações e projetos desenvolvidos nas universidades e estimular o debate sobre a luta pela terra e a reforma agrária.

Para a construção de uma universidade socialmente referenciada é importante que se esteja em sintonia com as demandas das comunidades e dos movimentos sociais populares. Com relação às pautas dos camponeses, é importante que as pesquisas também se voltem para um modelo de agricultura que valorize a produção familiar de alimentos com base nos princípios



da agroecologia e da soberania dos povos. Pelos dados do último Censo Agropecuário de 2006 (IBGE) é notável como grande parte da área total ocupada pelos estabelecimentos agropecuários, se concentra nas mãos do agronegócio (75,7%) e apenas 23,4% está ocupada com a agricultura familiar. No Espírito Santo esta distribuição permanece desigual, concentrando 66% das terras agricultáveis nas mãos do agronegócio contra 34% para a agricultura familiar. Mesmo com menos terras esta é a responsável por produzir mais de 70% dos alimentos para o povo brasileiro, além de ocupar em torno de 75% da mão de obra na agropecuária. Isso precisa ser fortalecido em contraposição à hegemonia do pensamento científico colocado hoje na agricultura voltada para o modelo do agronegócio, com primazia para a exportação de commodities, o uso intensivo de capital e máquinas, e abuso dos agrotóxicos em benefício de grandes oligopólios internacionais como a Monsanto, a Syngenta, a ADM, a Bunge e a Cargil. Que reproduz a concentração, a exclusão e a violência no campo, além da destruição da vida e da natureza.

PINTAREMOS A UNIVERSIDADE COM AS CORES DO POVO!

EM DEFESA DA REFORMA AGRÁRIA POPULAR!

POR UM BRASIL SEM LATIFÚNDIO!

